

A MISERICÓRDIA DIVINA NAS PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO NAS MENSAGENS DO *ÂNGELUS* DURANTE O JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA DE 2015

SOUZA, Isadora Maria Oliveira¹
RU2222901

RESUMO

Este estudo é de grande importância para toda a comunidade cristã católica, exatamente pela temática tratada: a misericórdia. Portanto, o objetivo principal foi identificar no recorte de três discursos do Papa Francisco, proferidos no *Ângelus* do Ano Extraordinário da Misericórdia entre 08/12/2015 e 20/11/2016, sua compreensão sobre a Misericórdia Divina e sua aplicação. Bem como, apresentar a conceituação da Misericórdia Divina; apontar a ação da Misericórdia Divina e relacioná-la com a conduta humana e por fim, formular a síntese da exortação e apelo do Papa, quanto à acolhida e incorporação da Misericórdia na vida cristã. A presente pesquisa foi bibliográfica, buscando embasamento teórico em autores que até os dias atuais, trataram o tema da misericórdia. Principalmente nas falas proferidas e registradas do Papa Francisco. A partir da análise de seus discursos e da bibliografia utilizada, observamos como característica de Francisco, enaltecer a Misericórdia que age de forma ilimitada na fragilidade humana, conforme esta permite. E, portanto, na força do Espírito Santo, capacita a cada um a “fazer misericórdia”.

Palavras-chave: Misericórdia. Papa Francisco. *Ângelus*.

1 - INTRODUÇÃO

Uma vez que, a temática da misericórdia acompanha o pontificado do Papa Francisco (FRANCISCO, 2016, p. 34) “sim, acredito que este é o tempo da misericórdia. A Igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida”. E tem sido um dos assuntos mais difundidos por ele, é justo que, todos os cristãos acolham, compreendam e reflitam sobre este tema, incorporando-o à sua vivência espiritual e em sua conduta. “A misericórdia do homem é para o seu próximo, mas a do Senhor é para com toda carne: admoesta, corrige, ensina, reconduz, como o pastor, o seu rebanho”. (cf. Eclo 18,13).

Qual é o pensamento do Pontífice acerca dessa temática e como ele exorta o povo de Deus, sobre a sua acolhida e vivência? Com este intuito buscamos identificar

¹Aluno do curso de Bacharelado em Teologia: Doutrina Católica do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 1º - 2021.

nos seus discursos, especificamente em três deles, feitos no Ano Santo como o Papa compreender a Misericórdia. “A centralidade da misericórdia, que para mim representa a mensagem mais importante de Jesus, posso dizer que cresceu pouco a pouco na minha vida sacerdotal, em consequência da minha experiência como confessor das tantas histórias positivas e belas que conheci”. (FRANCISCO, 2016, p.34).

Apresentamos de forma breve a conceituação de misericórdia na Sagrada Escritura, nos Padres da Igreja e em Santa Faustina. Então passamos a uma breve descrição da relação de Francisco com a Misericórdia passando assim, a análise propriamente dita dos três de seus discursos. Apontando assim a ação da Misericórdia relacionando-o a conduta humana. Dessa forma, trazemos a síntese do pensamento, bem como, exortação do Papa.

2 - A MISERICÓRDIA DIVINA NAS PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO NAS MENSAGENS DO ÂNGELUS DURANTE O JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA DE 2015.

2.1- VISÃO DE MISERICÓRDIA ANTIGO TESTAMENTO, NOVO TESTAMENTO, PADRES DA IGREJA, SANTA FAUSTINA E SÃO JOÃO PAULO II.

Apresentando a conceituação da Misericórdia Divina, queremos com o Sumo Pontífice (FRANCISCO, 2016,p. 97) afirmar: a Misericórdia é um atributo de Deus. Ser Misericordioso faz parte da natureza de Deus.

A Palavra de Deus nos revela esse atributo de forma esplêndida nos Mistério da Redenção de Cristo. No entanto, podemos ver também no Antigo Testamento. Deus por várias vezes, por meio dos escritos sagrados, se revelou ao Seu povo, de forma a manifestar a sua característica misericordiosa de conduta. “Precisamente sob este aspecto, a misericórdia é apresentada em cada um dos livros do Antigo Testamento com uma grande riqueza de expressões”. (JOÃO PAULO II, 2011, p.23).

Logo no primeiro livro do Pentateuco, nos deparamos com essa face misericordiosa de Deus, que se deixa tocar pela criatura que sofre, sendo que impede o pai que, movido de obediência e fidelidade, de sacrificar seu filho Isaac. A miséria humana atrai a misericórdia Divina, mas a misericórdia também atrai a Misericórdia. A intervenção vem por meio do Anjo que ordena: “Não lhes faça nenhum mal!” (Gn22, 12. BÍBLIA 2011).

Outro momento marcante do Antigo Testamento, revelador da Misericórdia Divina está lá nos Livros Proféticos, especificamente no Profeta Ezequiel (Ez 16,1 ss). A imagem da esposa infiel, também presente no Profeta Oséias (Os 1,2), é uma alegoria a história simbólica de Jerusalém. Iahweh narrando os acontecimentos, pontuando as infidelidades, adultérios da 'esposa', descreve ali, a miséria. Em contrapartida, finaliza com chave de ouro, uma vez que, diante de toda essa fraqueza de conduta e miséria da 'esposa', prevalece a compaixão e misericórdia do Esposo, que oferece seu perdão gratuito e exprime o desejo de fazer uma aliança eterna. (Ez16, 60). “Na expressão dos profetas, a misericórdia é apresentada em cada um dos livros do Antigo Testamento com uma grande riqueza de expressões”. (JOÃO PAULO II, 2011, p.20).

Nos textos sapienciais os Salmos ricos de Palavras, e expressão do que seja misericórdia. A alusão mais forte, talvez seja aquela do Salmo 135, que nos garante: a Misericórdia é eterna, por 26 vezes neste Salmo.

Essa Misericórdia que é eterna, num dado momento da História se apresentou a nós, O Verbo feito carne se fez Homem: Jesus Cristo, “o Santo de Deus”. (Jo6, 69. BÍBLIA, 2011).

Mas quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram, ele salvou-nos, não por causa dos atos justos que houvéssemos praticado, mas porque por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele ricamente derramou sobre nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que fôssemos justificados pela sua graça, e nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna. (Tt. 3, 4-7. BÍBLIA, 2011).

Na Bula Pontifícia de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Francisco afirma: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai”. (FRANCISCO, 2015).

Portanto, segundo o testemunho da Sagrada Escritura, tanto o Antigo como o Novo Testamento, e também segundo a Tradição, baseando nos nomes mencionados anteriormente, é possível a afirmação da Misericórdia como atributo de Deus que ocupa o primeiro lugar na autorevelação de Deus na história da Salvação. (JÚNIOR, 2020, p.53)

Os Evangelhos retratam a conduta misericordiosa do Homem Deus. Ler os quatro Evangelistas é tomar conta de narrativas que conceituam a Misericórdia e o ser misericordioso, através da Pessoa de Cristo.

A misericórdia divina é um momento definitivo para o homem, é ponto de encontro entre a realidade frágil da carne humana com o Amor que não se

cansa de amar a Deus. Em Jesus é um amor que assume a fragilidade do homem.(JÚNIOR, 2020, p.65)

Contemplando a Sagrada Família temos a perfeita expressão da Misericórdia. Deus Pai enviou o Seu Filho para que víssemos com nossa humanidade, o Deus que é pura compaixão, ternura, amor, perdão. Os Evangelhos nos mostram isso, na conduta do homem Deus. Para a Encarnação, Deus quis precisar de dois instrumentos Maria e José! E ambos foram também manifestações da Misericórdia de Deus neles, e que passaram para o Filho e para a humanidade. Talvez o ápice disso tenha sido que, dois humanos frágeis, carregaram a maior força de Deus: Seu Filho.

Maria compreendeu bem isso e no Seu canto de louvor a Deus, o *Magnificat* (Lc. 46-55), Ela engrandece o Senhor, louvando a Sua misericórdia.

A primeira destas vozes é a de Maria que, entrando em casa de Zacarias, engrandece louvando o Senhor com toda a sua alma 'pela misericórdia', da qual se tornam participantes, 'de geração em geração', os homens que vivem no temor de Deus".(JÚNIOR, 2020, p. 29)

José também, ao responder prontamente a ordem de Deus, esclarecido que foi em sonho (Mt. 1, 21) "com obediência, superou o seu drama e salvou Maria". (FRANCISCO, 2020, p. 130). E a história de Salvação ficou marcada com a conduta de Misericórdia, desse homem justo.

Portanto, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, enfim, toda a Sagrada Escritura está repleta deste atributo máximo de Deus.

A Bíblia fala da esperança escatológica na justiça de Deus, vista como misericórdia, que constitui o núcleo central da mensagem bíblica, como é apresentada no Antigo Testamento, a presença de Deus como um Deus clemente e misericordioso (Ex. 34, 6) e no Novo Testamento chamando a Deus de Pai compassivo e Deus de toda consolação (2Cor. 1, 3).(JÚNIOR, 2020, p. 54),

A Sagrada Escritura é, portanto, repleta da misericórdia, e os Padres da Igreja souberam identificar isso muito bem.

Falar deste tema no pensamento dos Padres da Igreja é muito rico. Alguns deles compuseram preciosas homilias enfatizando o tema da Misericórdia. Citamos Santo Ambrósio, porque foi um dos Padres que comentou o Evangelho de Lucas, mostrando a misericórdia em todo ele. E para São Gregório Magno a misericórdia deve ser transparecida a todo o instante, em toda a nossa vida: gestos, palavras, pensamentos. Segundo ele, se limitarmos a misericórdia aos outros, também Deus a

limitará para nós. Em uma obra sua, Os Livros dos Diálogos, ele apresenta exemplos de santos, que são modelos de misericórdia a serem imitados. Enfim, “os Padres da Igreja enriqueceram a Igreja não somente por seu ensinamento, mas também se dedicaram pessoalmente ao serviço dos pobres e necessitados”. (SILBERER, 2016, p. 82). Vejamos um exemplo: “São Basílio Magno (329-379d.C.), coluna da Ortodoxia no seu tempo, era ao mesmo tempo tido apóstolo das esmolos. Ele fundou um hospital em Cesaréia. Era conhecido por abraçar os leprosos miseráveis que ali buscavam alívio”. (SILBERER, 2016, p. 83).

Santa Faustina, santa contemporânea (25/08/1905 – 05/10/1938) teve a missão nos tempos atuais de lembrar a toda a humanidade o cume da Revelação da Misericórdia no Mistério Pascal. Ela que tinha somente os anos iniciais de estudos, foi escolhida por Deus, para nos últimos quatro anos de sua vida, com os seus ‘escritos’², traduzir para nós a Misericórdia, que está no Projeto de Salvação. Portanto, ficou conhecida como a *secretária da Misericórdia* denominação dada a ela pelo Próprio Jesus, em uma de suas aparições a freira. Também ela recebeu as formas de culto a misericórdia, que tanto enriquecem a espiritualidade, por meio de devoções populares: orações, o Terço da Misericórdia, a Imagem de Jesus Misericordioso, a Hora da Misericórdia.³

Em Santa Faustina temos uma confiança que se caracteriza como uma atitude de vida abandonada em Deus, como daquele que se compromete da vontade divina inserta nos mandamentos, sendo definida como relação com Deus, a palavra misericórdia caracteriza a sua atitude para com o próximo, a fonte para o reconhecimento e a vivência da humana misericórdia é a Misericórdia de Deus. (JÚNIOR, 2020, p. 28).

A *secretária da misericórdia*, como Santa Faustina era chamada pelo Próprio Jesus, em Suas aparições a ela recebeu muitas contestações, e foi em seu conterrâneo São João Paulo II, que inclusive a canonizou, que pode confirmar esse mover para os nossos tempos. Ele instituiu a Festa da Misericórdia, no segundo domingo depois da Páscoa, delineada por Deus, no Coração de Santa Faustina, e deixou a sua preciosa Encíclica *Dives in Misericordia*. Além do que, a sua compreensão de misericórdia, era traduzida em sua conduta de Pontífice tão próximo

²Conforme Prefácio à primeira edição, o Diário da Irmã Faustina Kowalska, trata-se de um documento de mística católica de valor extraordinário, para toda a Igreja. Contém seis cadernos, redigidos por ela, que tinha somente os estudos iniciais. Dado que, leva a característica marcante à simplicidade. No entanto, o teor teológico evidencia a especial influência de graça Divina.

³ Ver mapa conceitual no Apêndice deste artigo.

do rebanho, e também em seus pensamentos, a partir da Parábola do Filho Pródigo: “A misericórdia apresentada por Cristo na parábola do filho tem a forma interior do amor, que no Novo Testamento chama-se ágape”. (JOÃO PAULO II, 2011, p. 35). E complementa: “A parábola do filho pródigo exprime, de maneira simples mais profunda, a realidade da conversão. Esta é a mais concreta expressão da obra do amor e da presença da misericórdia no mundo”. (JOÃO PAULO II, 2011, p. 36).

Por fim, é no Catecismo da Igreja Católica que está como bússola, extraída do capítulo último do Evangelho de Mateus, as obras de Misericórdia corporais e espirituais, nas quais, aqueles que optaram por ser imitadores de Cristo, ou seja, cristãos, precisam inserir em suas condutas e comportamentos, tornando-as, estilo de vida.

As obras de misericórdia são as ações caritativas pelas quais socorremos o próximo em suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar são obras de misericórdia espiritual, como também perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporal consistem sobretudo em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar moradia aos desabrigados, vestir os maltrapilhos, visitar os doentes e prisioneiros, sepultar os mortos. Dentre esses gestos de misericórdia, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna. É também uma prática de justiça que agrada a Deus. (CIC, n. 2447, p. 632)

Contribuições como estas tem dado Francisco, desde o início do seu Pontificado, e agora poderemos ter contato com uma parte deste pensamento do Pontífice e sua colaboração com este assunto.

2.2- O PAPA FRANCISCO E A MISERICÓRDIA

Após Santa Faustina, São João Paulo II, o Sumo Pontífice atual, desde o dia 13 de março de 2013, quando foi eleito dirigente da Igreja, o Papa Francisco, tem sido aquele que incessantemente aponta a ação de misericórdia divina e a relacionar a conduta humana. A própria escolha do seu nome ‘Francisco’, já nos mostra essa relação.

O Papa afirmou:

Sim, acredito que este é o tempo da misericórdia. A Igreja mostra o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai à procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida, e faz com que se sintam amados. Disse naquela época e estou cada vez mais convencido de que isto é um *Kairós* a nossa época é um *Kairós* de misericórdia, um tempo oportuno. (FRANCISCO, 2016, p. 35)

No primeiro discurso do Papa eleito, no *ângelus*, costumeiramente aos domingos, no dia dezessete de março de dois mil e treze, Francisco já delineou a sua trajetória com a Misericórdia, enquanto chefe da Igreja. Foi nessa ocasião que ele citou o livro do Cardeal Walter Kasper, conhecido como o teólogo da Misericórdia; ele dizia:

O cardeal Kasper dizia que a melhor sensação que podemos ter e sentir é misericórdia: esta palavra muda tudo, muda o mundo. Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo. Precisamos de compreender esta misericórdia de Deus, este Pai misericordioso que tem tanta paciência. (FRANCISCO, 2016)

Passaremos a delinear uma síntese da exortação e apelo do Papa, quanto à acolhida e incorporação da misericórdia na vida cristã, em três dos seus discursos proferidos na mensagem do *Ângelus*, durante o Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2015-2016). Serão: *Ângelus* do dia 20/12/2015, o *Ângelus* do III Domingo da Quaresma, realizado em 28/02/2016 e por fim, o *Ângelus* de 14/08/2016, o 31º discurso do Papa Francisco.

Na *Misericordiae Vultus*, a Bula de Proclamação do Jubileu, Francisco explica o motivo para tal convocação:

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes. (FRANCISCO, 2016)

O Ano Santo teve início na Solenidade da Imaculada Conceição, em 8 de Dezembro de 2015 e encerrou-se na Festa de Cristo Rei, no dia 20 de Novembro de 2016. Várias Portas Santas foram abertas.

O Papa Francisco é filho do Concílio Vaticano II, o qual abriu as portas da Igreja para o mundo. Foi um dos colaboradores da Teologia da Cultura e, como bom discípulo de Inácio de Loyola e Tomás de Aquino, seguidor de Jesus encarnado na cultura do povo. Fiel a Igreja e sensível com as realidades do povo pobre defende uma Igreja de discípulos-missionários que faz da oração um impulso para ação. (MÜLLER, 2018, p. 28)

Ainda destacamos que neste período de Jubileu, foram realizados 46 discursos por ocasião do *Ângelus*. Momento em que o Papa Francisco reza com os fiéis na Praça de São Pedro, em Roma. Geralmente aos domingos e em datas Litúrgicas festivas. E ali profere o seu discurso, baseado no Evangelho dominical, e logo após

faz algumas saudações aos fiéis de todo o mundo, e comunicações. No entanto, objetivamos nos ater nos discursos proferidos.

Em uma análise sintética, encontramos a palavra misericórdia, ou palavras derivadas, como por exemplo, misericordioso, por 68 vezes nos discursos deste período de Jubileu. O que só reforça a análise mais profunda sobre o pensamento de Francisco: inculcar que a Igreja vive da Misericórdia Divina e por isso deve ser expressão dela. Em outra ocasião, assim ele se expressou: “A mensagem de Jesus é a misericórdia. Para mim, digo com humildade, é a mensagem mais forte do Senhor”. (FRANCISCO, 2016, p.16)

Quando referimos misericórdia, o nosso Papa Francisco, entende que o principal fator a se ter em conta é sentir necessidade desta misericórdia, para podermos experimentá-la, uma vez que Cristo vem em nosso auxílio quando reconhecemos que somos pecadores. (JÚNIOR, 2020, p. 37)

Após a reflexão sobre as relações do Papa Francisco com o tema da misericórdia, vejamos agora o pensamento do chefe da Igreja de Cristo, de forma mais específica sobre a Divina Misericórdia em 3 de seus discursos.

2.3- PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO SOBRE A MISERICÓRDIA DIVINA, EM TRÊS DE SEUS DISCURSOS NO JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA

A primeira mensagem do *Ângelus* após o início do Jubileu, que se deu no dia 20 de dezembro de 2015, será o ponto de partida de nosso objeto de estudo.

Nos deparamos com uma das características que nos mostram o pensamento dele, nessa temática. Francisco enaltece a Misericórdia Divina, e indica caminhos para que esta se torne concreta. Vivendo o tempo Litúrgico do advento, as vésperas do Natal do Senhor, quando ele descreve o encontro de Maria à sua prima Isabel, está discorrendo sobre dois encontros imbuídos de compaixão. O primeiro de Deus com a anciã Isabel, resgatando-a de sua esterilidade. E o segundo da jovem Serva do Senhor, que se coloca à disposição para servir a prima num momento de necessidade da mesma.

Nesse discurso ele usa o termo “enlevo”, significando uma sensação oriunda de uma conduta que, deve ser própria daquele que experimenta a Misericórdia de Deus, e que por isso deve ‘fazer misericórdia’ ao seu próximo. Ao apontar os 3 lugares do enlevo, ele está catequizando, como ser misericordioso e em que circunstâncias. Vejamos.

O primeiro é o outro, no qual devemos reconhecer um irmão, porque desde que teve lugar o Natal de Jesus, cada rosto tem gravado em si o semblante do Filho de Deus. Sobretudo quando se trata da face do pobre, pois foi como pobre que Deus entrou no mundo e foi antes de tudo pelos pobres que se deixou aproximar. (FRANCISCO, 2015)

Assim, Francisco indica que, o outro, qualquer que seja ele, deve ser reconhecido como irmão. Coloca em evidência o pobre. E ao identificar o Menino Deus com o pobre, e como pobre, ele deixa claro que, não se trata apenas do desprovido de bens materiais, mas sim, daqueles que estão nas diversas circunstâncias de necessidade: material, espiritual, psicológica, familiar. Indicando que para esse o agir deve ser misericordioso, ou seja, assistindo, orientando, perdoando. Em síntese executando alguma obra de misericórdia.

Outro lugar do enlevo – o segundo – onde, se olharmos com fé, sentimos precisamente o enlevo é a história. (...). No entanto, o Deus do Natal é um Deus que “mistura as cartas” Ele gosta de agir assim! Como canta Maria no Magnificat, é o Senhor que derruba os poderosos dos tronos e exalta os humildes, sacia de bens os famintos e despede de mãos vazias os ricos (cf. Lc 1, 52-53). Eis o segundo enlevo, a surpresa da história! (FRANCISCO, 2015).

Ou seja, Francisco enaltece a Misericórdia de Deus que age na história de cada um, sempre retirando de algum lugar de miséria. “Quem poderá medir a potência de sua majestade, e quem poderá detalhar suas misericórdias”. (Cf. Eclo 18, 5. BÍBLIA, 2011).

Um terceiro lugar do enlevo é a Igreja contemplá-la com a sua surpresa da fé significa não limitar-se a considerá-la somente como instituição religiosa, tal como é mas senti-la como uma Mãe que, apesar das manchas e das rugas – temos tantas! – contudo deixa transparecer os lineamentos da Esposa amada e purificada por Cristo Senhor. (...). Aliás, a Igreja mãe que sai pelas suas portas para ir com sorriso de mãe ao encontro de todos os distantes, para lhes levar a misericórdia de Deus. (FRANCISCO, 2015)

Ao citar a Igreja, no seu lado santo e pecador, o Papa faz uma alusão a cada cristão que compõem esta Igreja, comparando a uma mãe, recorda a missão dessa Instituição, que é composta por cada um dos seus membros, que apesar de imperfeitos, devem qual uma mãe sair ao encontro dos seus filhos e oferecer-lhes acolhida, e a mesma Misericórdia de Deus que receberam. E assim, ele finaliza seu discurso: “Mas não podemos sentir este enlevo, não podemos encontrar Jesus, se nãoO encontrarmos no próximo, na história e na Igreja” (FRANCISCO, 2015).

Müller complementa:

O agir misericordioso é carregado de compaixão, de um “colocar-se no lugar do outro”, que no entender do Papa é aquilo que Jesus sentia e desta forma agia. Ele entende que o agir humano na misericórdia não é completo quando não se deixa afetar pela realidade de sofrimento e exclusão de tantas pessoas.(MÜLLER, 2018, p.63)

No 14º discurso de Francisco, proferido por ocasião do *Ângelus* no dia 28 de fevereiro de 2016, dia em que a Igreja celebrava o III Domingo da Quaresma, ele fez uma conceituação acerca da Misericórdia de Deus, e uma exortação de como deve ser a relação do cristão com Deus.

Podemos dividir em três partes a mensagem de misericórdia contida nesse discurso. Primeiramente, fazendo uma correção à imagem errada que muitos tinham de Deus, quando pensavam ser um Deus culpado pelos acontecimentos trágicos, um Deus castigador. E assim, mostrando a Face Misericordiosa de Deus. “Deus não permite as tragédias para punir as culpas, e afirma que aquelas pobres vítimas não eram minimamente piores que os outros” (FRANCISCO, 2016). A segunda parte é exatamente a admoestação que Francisco faz, a que cada um reconheça a sua miséria, a sua fragilidade, a sua infecundidade, sua hipocrisia, e reconhecendo que possa colocar as coisas no lugar. Deus não faz o mal. E o homem muitas vezes não faz o bem. Convida assim, a uma contrição perfeita. A terceira parte então é conduzida a comparação com o ano a mais em que, o agricultor deixou com que a figueira tivesse, antes de cortá-la, uma vez que nesse período, ela poderia voltar a produzir bons frutos. Ou seja, esse ano da paciência de Deus é o que a Igreja dá a cada fiel, neste Jubileu da Misericórdia.

Um ‘ano’ de graça o tempo do ministério de Cristo, o tempo da Igreja antes de sua vinda gloriosa, o tempo da nossa vida, ritmado por um certo número de Quaresmas, que nos são oferecidas como ocasiões de arrependimento e de salvação, o tempo de um Ano Jubilar da Misericórdia.(FRANCISCO, 2016).

Francisco então enaltece a Misericórdia de Deus, mostra a miséria humana, e sugere uma conduta de voltar-se primeiramente para dentro de si, se enxergar, até chegar à contrição. E então, abraçar a conversão de vida, que chega por meio da misericórdia do próprio Deus.

O Evangelho da misericórdia move-se pela esperança de um Deus paciente, que crê na capacidade de cada um ser capaz de assumir como seus os sentimentos de Cristo: desejar, buscar, querer e viver para que todos possam ter vida, e vida em abundância (Cf. Jo 10, 10). Por isso muito mais do que condenar, o Papa Francisco convida a acolher e oferecer esta vida nova que

vem de Deus. E sempre deixar que o Espírito nos conduza na direção aos outros. (MÜLLER, 2018, p. 72)

Ainda enfatiza Müller:

Para o Papa o agir de misericordioso de Jesus está sintetizado no pensamento de São Beda, que ao comentar a cena do Evangelho de Mt 9, 9, escreveu que Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e escolheu-o: *miserando atque eligendo*. (Cf. MV 8). Francisco entende que Deus olha para cada um de nós com amor. (MÜLLER, 2018, p. 63)

No terceiro discurso analisado, que foi proferido no dia 14 de agosto de 2016, O Papa serve-se da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, apresentando-o sob o aspecto do fogo. “Se nos abirmos completamente À ação deste fogo, que é o Espírito Santo, Ele infundir-nos-á a audácia e o fervor para anunciar a todos Jesus e a sua consoladora mensagem de misericórdia e de salvação, navegando em alto mar, sem receio”.(MÜLLER, 2018, p. 63). Assim, ele esclarece que, toda a força para sermos misericordioso provém do Espírito de Deus. “O Papa Francisco entende que o agir sem misericórdia é agir sem o Espírito de Deus”. (MÜLLER, 2018, p. 68).

Se comover diante da dor alheia, se envolver com o sofrimento do outro e sermos missionários nestas diversas situações de dor, se dá pela graça do Espírito. Informação importante e norteadora, uma vez que, pode-se enganar o cristão que imagina conseguir por sua bondade, agir com misericórdia. “Mediante este fogo do Espírito Santo somos chamados a tornar-nos cada vez mais comunidades de pessoas orientadas e transformadas, cheias de compreensão, pessoas com um coração dilatado e com um semblante jubiloso”. (FRANCISCO, 2016).

Quando Francisco afirma: “Hoje mais do que nunca há necessidade de sacerdotes, de consagrados e de fiéis leigos com o olhar atento do apóstolo, para se comover e para se deter diante das dificuldades e das pobreza materiais e espirituais...” (FRANCISCO, 2016) ele está dizendo da necessidade de uma Igreja que viva as Obras de Misericórdia Espirituais e as Obra Corporais. Como chefe da Igreja ela a convoca a ser uma Igreja Misericordiosa a exemplo de seu Fundador, sob a ação do Espírito Santo. “É exatamente o fogo do Espírito Santo que nos leva atornarmos próximos dos outros: das pessoas que sofrem, dos necessitados, de tantas misérias humanas, de tantos problemas, dos refugiados, dos deserdados, daqueles que sofrem”. (FRANCISCO, 2016). Concluindo seu pensamento, ele exemplifica os dizeres anteriores, com São Maximiliano Maria Kolbe, mártir da misericórdia e

caridade: “ele nos ensine a viver o fogo do amor a Deus e ao próximo”. (FRANCISCO, 2016)

3 - METODOLOGIA

A presente pesquisa foi bibliográfica, buscamos embasamento teórico em autores que até os dias atuais, trataram o tema da misericórdia. Principalmente nas falas proferidas e registradas do Papa Francisco. Fizemos , conforme afirma Casarin e Casarin (2012, p. 46) “a pesquisa bibliográfica, por sua vez, faz uso de artigos, teses dissertações, livros etc, escritos por outros autores sobre o tema em questão”.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos concluir formulando a síntese da exortação e apelo do Papa, quanto à acolhida e incorporação da Misericórdia na vida cristã. A partir da análise de seus discursos e da bibliografia utilizada, observamos como característica de Francisco, enaltecer a Misericórdia que age de forma ilimitada na fragilidade humana, conforme esta permite. E, portanto, na força do Espírito Santo, capacita a cada um a ‘fazer misericórdia’. Portanto, o apelo dele à Igreja é esse: uma Igreja leva a graça recebida de Deus, ao outro, aos lugares da existência, que apresentam maior necessidade. Uma Igreja que não para na sua limitação, porque apoiada pelo próprio Deus, é capacitada a ‘fazer misericórdia’. A junção do verbo ao substantivo não é equivalente ao adjetivo misericordioso. Aqui é proposital uma vez que, ambos indicam, uma decisão do sujeito, uma opção feita, apoiada pela graça divina. Em síntese: o Papa Francisco quer uma Igreja cujo estilo de vida seja a Misericórdia! Por ocasião do encerramento do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o Papa nos deu uma Carta Apostólica ‘*Misericordia Et Misera*’, e novamente ele afirmou: “Com efeito, a misericórdia não se pode reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho. Tudo se revela na misericórdia tudo se resume no amor misericordioso do Pai”. (FRANCISCO, 2016, p. 6). Assim com ele concluímos desejosos que esta temática arda no coração de cada fiel, como aos discípulos de Emaús ao ouvir o Mestre levando a cada um a assumir a misericórdia, como estilo de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2011.

CASARIN, Helen de C. Silva; CASARIN, Samuel José. Pesquisa Científica da teoria à prática. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANCISCO, PP. “*Misericordiae Vultus*”. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Paulus. 2016.

FRANCISCO, PP. Ângelus. Domingo, 17 de Março de 2013. In: www.vatican.va. Acesso em 28 de maio de 2021.

FRANCISCO, PP. Ângelus. Domingo, 20 de Dezembro de 2015. In: www.vaticano.va Acesso em 28 de maio de 2021.

FRANCISCO, PP. Ângelus. Domingo, 28 de Fevereiro de 2016. In: www.vaticano.va Acesso em 28 de maio de 2021.

FRANCISCO, PP. Ângelus. Domingo, 14 de Agosto de 2016. In: www.vaticano.va Acesso em 28 de maio de 2021.

FRANCISCO, PP. O nome de Deus é Misericórdia. Uma conversa com Andrea Tornielli. Trad. Catarina Mourão. São Paulo, Planeta. 2016

FRANCISCO, PP. *Patris Corde*. Carta Apostólica. Paulus. Edições CNBB, 2020.

JOÃO PAULO II, PP. A Misericórdia Divina. Carta Encíclica. Paulinas, 2011.

JÚNIOR, Luiz Carlos Barbosa. Misericórdia. A descoberta do Deus que me ama. Paulinas, 2020.

MÜLLER, Paulo Eduardo. A Cristologia na *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo. Porto Alegre. 2018. Acesso em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14934/1/000494192-Texto%2BCompleto-0.pdf>

SILBERER, Michael ORC. A Misericórdia na Tradição da Igreja. In: Revista Teológica *Institutum Sapientiae*, 2016.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

2Cor _____ Coríntios

CIC _____ Catecismo da Igreja Católica

Eclo _____ Eclesiástico

Ex _____ Êxodo

Ez _____ Ezequiel

Gn _____ Gênesis

Jo _____ João

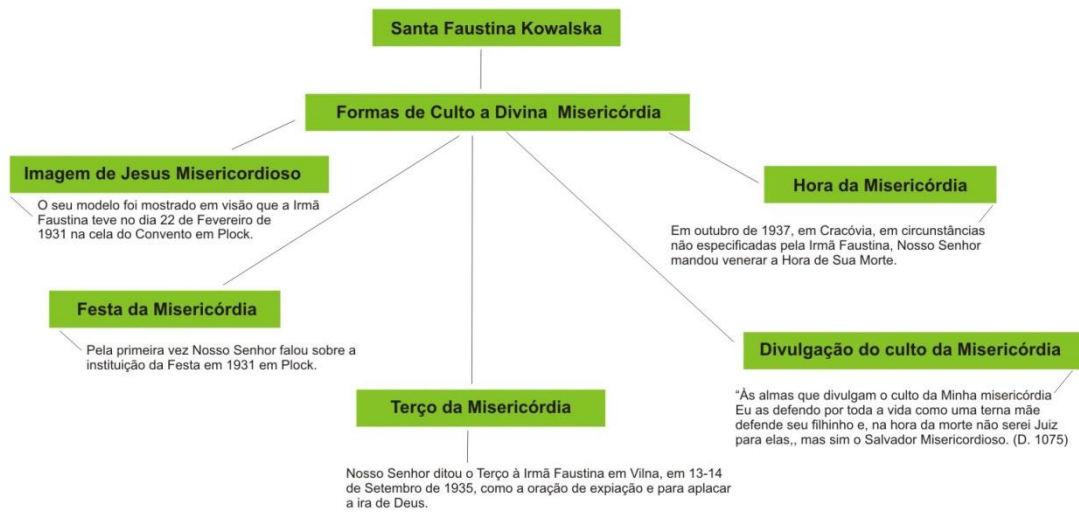
Lc _____ Lucas

Mt _____ Mateus

Tt _____ Tito

APÊNDICE

Mapa Conceitual
Formas de culto a Divina Misericórdia na Missão de Santa Faustina*



* Informações extraídas do Diário de Santa Faustina